

# O ENTORPECIMENTO CONSENTIDO

## THE CONSENTED NUMBNESS

**Alexandre João Appio**

Mestre em Ciências Sociais, professor na área de humanas, participante do grupo de Pesquisa em Ideologias Políticas e Movimentos Sociais - UNISINOS; Programas Especiais em Saúde - IPA-RS. Agente de Saúde na Assistência Farmacêutica da Secretaria de Saúde do RS. prof@appio.org

*“A violência da calma, às vezes,  
é mais terrível do que a travessia das tempestades.”*  
(Roudinesco, 2000 p. 17)

### RESUMO

O sujeito não está mais apenas ávido de bem-estar material; é também ávido por conforto psíquico e amparo. Para isso, busca alternativas oferecidas pelo mercado e pelas ciências para aplacar a sua falta estrutural. Neste caso, o consumo de *gadgets*, bem como de medicamentos, esconde todo um processo ideológico de entorpecimento e gozo. Políticas amplas se estendem para a adaptação do sujeito à regra da sociedade: goze! Pensamos que essa relação dos sujeitos com os bens de consumo gerou certa mudança em como estruturam seu aparelho psíquico e conseqüentemente suas relações no laço social, especialmente em relação ao supereu. Por isso, o objetivo neste artigo é refletir como a medicalização na sociedade contemporânea causa entorpecimento e gozo, estruturando assim a ideologia da felicidade artificial que impede a luta dos sujeitos por mudanças sociais e políticas.

**Palavras-Chave:** Consumo, Medicamento, Dopagem, *Gadget*.

### ABSTRACT

The person is not anymore only avid of material well-being; it is also avid for psychological comfort and support. For that, it searches alternatives offered by the market and by the sciences to placate his structural lack. In this case, the consumption of *gadgets*, as well as of medicines, hides the entire ideological process of numbness and joy. The policies are stretch out for the adaptation of the person to the rule of the society: enjoy it! We think that this relation of the persons with the consumer goods they produced certain change in as they structure their psychic apparatus and consequently their relations in the social bond, especially regarding the superego. Therefore, the aim of this article is to how the medicalization in the contemporary society causes numbness and joy, structuring as well the ideology of the artificial happiness that obstructs the struggle of the persons for social and political changes.

**Keywords:** Consumption, Medicine, Doping, *Gadget*.

## INTRODUÇÃO

A medicalização parece fornecer um sistema de crenças na medicina ocidental que é simultaneamente sedutor e ilusório, pois ameniza as dores e devolve aos sujeitos uma felicidade artificial, mas não lhes oferece, de fato, a tão desejada “imortalidade”. A farmácia passa a ser um acessório da vida contemporânea, um lugar onde se vende a promessa, sempre celebrada, de atenuar ou eliminar as dores. A drogaria é o incentivo perfeito da ideologia da felicidade artificial, medicalização, entorpecimento e gozo<sup>1</sup>.

No sistema socioeconômico atual, as sociedades que se intitulam “democráticas” se sustentam defendendo o consumo como mola propulsora da economia. Dessa maneira, é comum ouvirmos os governantes fazendo apelos ao consumo para que a economia continue crescendo (não se fala em desenvolvimento). No entanto, o que vem embutido, muitas vezes, nessa ideologia de apelo ao consumo é a idéia de gozo e completude. Essa relação com os bens de consumo, geraram uma mudança na maneira como os sujeitos estruturam seu aparelho psíquico e conseqüentemente suas relações no laço social, especialmente em relação ao supereu<sup>2</sup>, como aponta Safatle (2005).

Para Safatle é Slavoj Zizek que traz essa inversão importante sobre a análise do supereu freudiano que se estrutura como representante da autoridade paterna que culpabiliza o prazer sexual e que portanto, reprime o gozo. Porém na sociedade capitalista há o estabelecimento no supereu do imperativo de gozo que convoca os sujeitos a não reprimirem mais seus impulsos e sim realizá-los a qualquer custo.

O objetivo deste escrito é refletir como a medicalização na sociedade contemporânea causa entorpecimento e gozo, estruturando assim a ideologia da felicidade artificial que

---

<sup>1</sup> **Gozo:** se concretiza por meio dos produtos adquiridos, gerando assim um tamponamento da falta estrutural do sujeito e impedindo que esse perceba seu desamparo diante da lei, do Estado e de todo um sistema opressor.

<sup>2</sup> **Supereu:** instância reguladora que estabelece a lei entre o equilíbrio e o impulso. O supereu busca inibir o sujeito a qualquer impulso contrário às regras e ideais ditados por sua consciência moral através de punição ou sentimento de culpa, assim força o Eu a se comportar de maneira moral e conduzir o sujeito a uma conduta condizente no laço social a que pertence.

impede a luta dos sujeitos por mudanças sociais em todo seu entorno, bem como a percepção da realidade.

## **A LÓGICA DO CONSUMO**

Atualmente há um apelo para que se goze de todas as maneiras, inclusive burlando a lei, pois o outro se torna um objeto para a realização do seu gozo: Goze sua sexualidade! Realize seu eu! Encontre sua identidade e individualidade! Alcance o sucesso não importando os meios! Temos aí o imperativo de gozo.

A sensação de viver em um perpétuo presente seduz os sujeitos e os devora, com isso se tornam “viciados” em instantaneidade, não mais sujeitos no tempo-espaço, mas celebridades no instante (SIBILIA, 2008), pois o outro perde suas feições reais e se tornam objetos, a figura do representante da lei que deveria reprimir essa perda, passa a exigir gozo a todo custo. Ou seja, o supereu não se torna menos exigente com esse imperativo, mas se torna o tirano que necessita freneticamente de mais prazer até ser consumido pela própria morte que tanto o amedronta.

Torna-se visível que essa mudança considerável na estruturação da sociedade capitalista afeta a subjetividade dos sujeitos, entendida aqui como uma forma histórica e determinada de traços, posições e valores em comum estabelecidos pelos sujeitos em uma determinada época e compartilhados uns com os outros, mediados pelo inconsciente (Askofaré, 2009).

Nesse sentido, se faz coerente recordar que o corpo já foi considerado uma extensão da máquina. Atualmente, ele se torna meio para se atingir um padrão pré-estabelecido, principalmente pela moda. Dessa maneira, criam-se inúmeros serviços incumbidos de trazer ao corpo uma forma ideal para ser consumido ou devorado, seja pelo sexo (real ou virtual) ou associando-o a um produto. Dessa maneira, a subjetividade não fica dissociada como algo meramente psíquico, mas no corpo pode-se ler uma “marca” histórica de consumo que liga os sujeitos entre si.

Assim sendo, o sujeito é compelido por meio de leis de mercado que exigem um padrão estético definido, assim como há exigências para a dimensão psíquica de como promover a gestão de si, administrar o humor, eliminar tristezas e infelicidades. Dessa maneira, evitando assim a culpa, pois o supereu já não oferece impedimento ao gozo imediato, porque gozar se torna a lei a ser seguida, gerando assim nos sujeitos um constante estado de torpor.

Nesse sentido, há uma mudança considerável nos modelos identificatórios, pois não há uma figura encarnada do líder autoritário como existiram no passado, mas agora, nas palavras de Lipovetsky (2007 p.18), temos uma eclosão de um “fascismo voluntário” no qual o controle se faz necessário e evidente para garantir a ordem desigual na atual sociedade, mas sem a figura central do líder, todos dominam e são dominados.

O entorpecimento impede que os sujeitos percebam que estão sendo controlados e vigiados, estabelecendo assim uma relação de subordinação em que as relações são vistas como funcionais. Assim por exemplo, na relação entre dois cargos institucionais, a hierarquia desigual entre ambos é tomada como necessária para o funcionamento da instituição. Portanto, nesse estado de entorpecimento as relações ainda não são reconhecidas como opressivas (Laclau e Mouffe, 2004).

Dessa maneira, ao oferecer a figura do poder travestido em leis de mercado, omitem-se também as relações de subordinação e passa-se a ideologia que se vive numa sociedade livre e plena de direitos. Isso dificulta a visualização do adversário político e perde-se a referência das relações antagônicas que deve ser mantida para que se delimitem as fronteiras políticas entre as diversas forças ideológicas no interior da sociedade democrática (Mouffe, 1999).

Portanto, uma sociedade com sujeitos entorpecidos, conseqüentemente subordinados (corporal e psicologicamente), são extremamente úteis ao mercado, pois não há conflito entre adversários políticos, mas somente de interesses fugazes e solúveis. Dessa forma, o imperativo de gozo presente nessas situações é aproveitar ao máximo o momento presente, pois não há planejamento que dê garantias em relação ao futuro, com isso há

também uma provisoriedade na estruturação da subjetividade dos sujeitos que passam por esse processo.

Sennett (2001, p.27) afirma que no ambiente de trabalho, local privilegiado para os sujeitos se reunirem e lutarem por seus direitos, atualmente com o capitalismo flexível, a ligação entre os sujeitos se tornaram superficiais, evitando-se conflitos e debates. A lei é cumprir as funções sem atrito, deixando assim os sujeitos mais suscetíveis às identificações a um ideal de eu sugeridas pela empresa ou pelos governos.

### **A FELICIDADE MEDICALIZADA**

Na atual sociedade, deve-se manter a superficialidade das relações; cumprimento da lei sem atrito; não visualização do adversário político, assim como os corpos dóceis e entorpecidos e o uso extensivo de medicamentos. Nessa lógica, a medicalização e seus referenciais identificatórios propostos pelas empresas farmacológicas deixam os sujeitos dopados e assim distantes de uma relação consigo mesmos e com a sociedade, criando assim uma falsa sensação de felicidade.

A medicação torna os conflitos próprios de cada sujeito (doença, medos, angústias) suportáveis, como uma ilusão, pois o medicamento não elimina e nem afasta a infelicidade, e a maneira de não se dar conta disso é manter-se num constante estado de dopagem. Assim, a era do contentamento se abriga nas progressivas intervenções técnicas, nas próteses para parecer mais jovem, nos medicamentos, com o uso dos psicotrópicos, que se tornaram técnicas de administração do humor, desvinculados de qualquer contexto patológico.

“[...] os sujeitos querem escolher seu humor, controlar sua experiência vivida cotidiana, tornar-se senhores das vicissitudes emocionais fazendo uso de medicamentos psicotrópicos cujo consumo, como se sabe, não cessa de crescer” (LIPOVETSKY, 2007, p. 56).

As drogas psicotrópicas passam a ser consideradas mais eficientes do que a psicoterapia, pois essa tinha resultados lentos e a medicalização controlava imediatamente os sintomas, dando ao sujeito a falsa sensação de controle de seu estado de humor e razão. Toda uma geração de profissionais da saúde se dedicou com afinco a prescrever antidepressivos. Esses novos medicamentos passaram a ser uma fonte de poder e “para convencer os pacientes de que eles estavam deprimidos”. Foi também no final da década de 1980 que a palavra estresse se tornou uma expressão da moda. Imediatamente o estresse se tornou sinônimo de infelicidade decorrente dos problemas cotidianos (COUTO, 2007).

Ao mesmo tempo em que existe um incentivo de laboratórios para que os médicos prescrevam seus produtos, uma forte solicitação dos sujeitos, em geral, para a dopagem fica visível.

“Se um sujeito faz uma consulta e não sai do médico com sua prescrição de algum psicotrópico conclui que certamente existe ali alguma coisa decisivamente muito equivocada e digna de desconfiança. Nesse caso, é recomendado buscar outro profissional mais antenado com as práticas contemporâneas de dopagem. Parece que a principal função médica na cibercultura é dopar os corpos como meio de promover a felicidade artificial” (COUTO, 2007, p. 50).

Este “fascismo voluntário”, como salienta Lipovetski (2007), estabelece a necessidade no ser humano em evitar o desamparo e propõe o consumo de medicamentos como uma espécie de religião que precisa sempre ser atualizada por meio de ritos de consumos e doutrinas ditadas pela medicina (seguir as orientações do médico) que transformam os medicamentos, necessários e indispensáveis à vida humana, em meros “gadgets<sup>3</sup>”. Nesse sentido, os sujeitos se tornam vulneráveis ao aderir a discursos que prometem a felicidade artificial, liberdade de todos os males, uma sociedade em perfeita ordem e harmônica, uma sociedade sem atritos ou diferenças.

---

<sup>3</sup> “Gadget” é um substitutivo para instrumento, utensílio, na maioria das vezes sem utilidade, mas que gera nos sujeitos uma ânsia por adquiri-los devido a sua novidade, engenhosidade e tecnologia.

## **AS PÍLULAS DA FELICIDADE**

Vive-se sob um estado de torpor que potencializa e prolonga as sensações de prazer. A predominância é tomar a vida apenas pelo lado bom, ressaltar tudo que é teoricamente positivo, um culto ao bem-estar na era das redes integradas, da internet e dos sujeitos entorpecidos passa a ser uma nova exigência, a condição de uma felicidade que estrutura a subjetividade.

Para que a felicidade não se dilua rapidamente é preciso ser constantemente atualizada por novos e eficientes medicamentos. Para fazer parte da civilização da felicidade não restam alternativas. Os sujeitos são impelidos à dopagem constante, objetivando o gozo, não a busca pelo desejo que justamente aponta para a verdade que constitui cada sujeito.

No contexto do consumo entra o exibicionismo espetacular “o corpo é o lugar onde o sujeito deve esforçar-se para parecer que vai bem de saúde” (Moulin, 2008, p. 19) e, indubitavelmente, o lugar para parecer que se foi totalmente tomado pela vida feliz, em momento eternizado de férias, como numa peça publicitária. Nesse sentido, nas antigas propagandas de medicamentos no Brasil, se colocava que, para se ter um corpo com saúde, este devia ser gordo, sem magreza, fraqueza e outras. A cada época, colocam-se certas determinações, para que sempre seja perceptível a falta, a insatisfação, e estas devem ser supridas de alguma maneira.

Coloca-nos Safatle (2005, p. 131):

“a lei do supereu é vazia, sem determinações privilegiadas. Na sociedade atual de consumo o “magro, bonito, bronzado” pode facilmente ser trocado por “doente, anoréxico e mortífero”, sem prejuízo para sua capacidade momentânea de mobilização de desejos”.

Assim, a medicalização se converte no principal vetor de outra representação do sujeito feliz, marcado e demarcado pela imediata desinibição, euforiação, excitação e

relaxamento químico. Se, de um lado, os produtos dopantes libertam os sujeitos das coerções corporais habituais como as enfermidades, dores e desconfortos psíquicos de toda ordem, do outro, tornam-se diferentes maneiras de controle, aprisionamentos e agonias singulares. O corpo, no registro sem fim e acelerado das sensações, rende-se progressivamente à tutela farmacológica e, sem ela, muitos sujeitos já não sabem como se comportar, agir e reagir diante dos acontecimentos e dos desejos frustrados. Como nos coloca Safatle (2005, p. 133): é uma subjetividade plástica que compreende identidades sociais como aparências, como um puro jogo de máscaras.

No universo da pressa somos regidos pela rapidez, ideais de eficiência e frenesi na facilidade otimista e espetacularizada de uma existência dopada e sempre feliz. O desenvolvimento pessoal, o luxo emocional, psicologizado, ressaltam as sensações íntimas e encontram na tutela farmacológica os modos indispensáveis, as receitas infalíveis para a alegria incontida e sem fim (MOULIN, 2008).

No momento em que triunfam os corpos dopados e as insatisfações administradas, artificialmente vivemos sob o signo de outro tipo de excesso: o de milhares de sujeitos, constantemente anestesiados diante das dificuldades da vida. Talvez esta seja a principal consequência da medicalização da sociedade contemporânea. A dopagem, ao invés de oferecer novas possibilidades, parece aniquilar as perspectivas que os livres da falta que estruturalmente constitui os sujeitos, deixando-os numa sensação de que não há saídas para seu sofrimento a não ser consumir a medicação que contém a promessa da felicidade, atualizando a lógica de consumo. Como decorrência, estrutura-se uma cultura psicológica baseada na realização imediata e artificial dos desejos, onde cada um é incitado a colocar no pedestal o paraíso, jamais ameaçado, do seu bem-estar pessoal, garantido pela tutela farmacológica.

Torna-se visível, portanto, que a insatisfação deve existir e se estabelecer, para, então, novamente buscar algo para suprimir esta “falta” (incompletude estrutural do sujeito). Esta falta se retroalimenta e se sustenta por esta insatisfação. Nesse sentido, o modelo político e econômico atual se oferece como completo e absoluto e para manter-se assim insiste em

tamponar a falta dos sujeitos, criando incessantemente novos *gadgets* a serem consumidos (Lara Junior, 2010).

Nessa lógica, cria-se um consumo eufórico de medicamentos que oferece uma vida menos frívola, estressante, apreensiva e principalmente livre da angústia da incompletude, com a promessa de que a falta será preenchida e o amparo restabelecido.

Assim, nega-se ao sujeito o direito de enfrentar as agruras e inseguranças do cotidiano, pois uma vez dopado passa pelas experiências sem ser afetado por elas. As dores, agonias e insatisfações não lhes pertencem mais, afinal vive-se sob os efeitos milagrosos da ciência farmacêutica que nos entorpece diante de tudo aquilo que pode promover dissabores cotidianos. Não podem existir ameaças, para qualquer aspecto que seja. A visão da morte – ameaça constante como aparecia em propagandas de medicamentos antigos, deve ser suprimida ou esquecida. Com isso, perdeu-se a capacidade ou a sabedoria para lidar com essas situações, e para sanar este despreparo, a automedicação é uma grande possibilidade.

Na ideologia da felicidade artificial cada um é estrategicamente convocado ininterruptamente à responsabilidade de gestar quimicamente o seu contentamento pessoal. Quanto maiores são os apelos para a dopagem dos sujeitos menores e escassas são as políticas públicas e os processos educacionais para a promoção social do bem-estar coletivo. Isso se torna visível no Brasil se refletirmos sobre os constantes problemas de saúde pública. Com o constante entorpecimento dos sujeitos, há uma falta de envolvimento dos cidadãos nas atividades de gestão das políticas públicas já implantadas.

Cada vez mais destituídos do poder de organização coletiva, sobra a sensação de fracasso individual. E quanto maior é a sensação de impotência, mais a depressão, o estresse e a ansiedade devoram os sujeitos. Como o sujeito já não pode ter a percepção de si, o anestesiamiento passa a ser praticamente a única maneira de ser docilmente feliz. Assim Roudinesco (2000, p. 16) nos diz que: “todo sujeito tem o direito e, portanto, o dever de não mais manifestar seu sofrimento”.

Complementa Moulin (2008, p. 132):

“Ao invés de extraírem a felicidade de suas atividades diárias elas extraem de seus armários cheios de medicamentos. Agora, já não é preciso lutar para vencer os problemas. Nada precisa de fato ser mudado na vida derrotada. Basta que a dopagem deixe as pessoas artificialmente felizes”.

Poucas décadas atrás, experimentava-se a felicidade atravessando certas situações da vida cotidiana e vencendo obstáculos afetivos, profissionais, etc. Hoje a obsessão em comprar e manter a sensação artificial de felicidade “enobrece” a vida feliz de sujeitos tranquilizados e acalmados. Busca-se a adequação, em lugar de modificar ou estabelecer um processo de emancipação. Por consequência, o cinismo tem um papel fundamental nesse processo, ironizando, de forma absoluta toda e qualquer determinação. Ocorre um esquecimento de que enfrentar as dores pode ser um caminho de uma vida feliz.

O estado de entorpecimento cotidiano de milhares de sujeitos sufoca suas consciências para criarem a ilusão de se conseguir vidas mais felizes. Dworkin (2007, p. 24) destaca que, embora dolorosa, a infelicidade é indispensável para o desenvolvimento da consciência “saudável”. A infelicidade ensina a um sujeito o que significa sentir-se insatisfeito ou envergonhado e pode apontar o caminho para uma vida digna. Esse mesmo autor coloca também (p. 15) que dopadas, perdem o impulso necessário para a mudança de vida e “ficam em seus velhos trilhos estagnadas em um charco de falsa felicidade, e sacrificam qualquer possibilidade de cair na realidade.”

### **UM GADGET, POR FAVOR!**

Os *gadgets* podem ser personalizados e também produzidos em larga escala. São os utensílios supérfluos, objetos sem necessidade prática. O *gadget* se torna a caricatura do capitalismo contemporâneo, pois promete a superação da infelicidade e da falta por meio do seu consumo, provendo nesse frenesi o gozo pela novidade.

Na passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo, esses objetos nascem, proliferam e desaparecem com um ritmo recorde de velocidade, criando assim um

frenesi de obsolescência, na busca constante pela novidade. A superficialidade com que os sujeitos se relacionam com os *gadgets* faz com que cumpram a função de prover momentânea uma sensação de completude. São objetos de busca da felicidade artificial, garantindo assim o gozo pelo objeto como se pode colocar no mesmo patamar os medicamentos. Colocam-se também no lugar do que nos “falta”, encobrendo nossas dificuldades com uma cortina tecnológica. É a imagem que completa uma ausência, portanto.

“Assim, ao invés da sociedade de produção, devemos compreender a contemporaneidade e seus traços a partir da temática da sociedade do consumo, no sentido de que problemas vinculados ao consumo acabam por direcionar todas as formas de interação social e de desenvolvimento subjetivo, assim como é o incentivo ao consumo que aparece como problema econômico central” (Safatle, 2005, p.126).

As consequências da passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo atingem a questão social, política e econômica, assim com a subjetividade. Nesse sentido, o capitalismo investe em mão-de-obra qualificada para manipulação de símbolos e na retórica de consumo e isso afeta diretamente nas formas como os sujeitos se relacionam e sofrem com esse avanço “das marcas” sobre a subjetividade.

(...) “o mundo capitalista do trabalho está vinculado à ética do ascetismo e da acumulação. O mundo do consumo pede, por sua vez, uma ética do direito ao gozo, pois o que o discurso do capitalismo contemporâneo precisa é da procura do gozo que impulsiona a plasticidade infinita da produção das possibilidades de escolha do universo do consumo. Ele precisa da regulação do gozo no interior de um universo mercantil estruturado. (...) gozo disponibilizado através da infinitude plástica da forma-mercadoria” (Safatle, 2005, p.127)

Com isso o capitalismo contemporâneo instaura outra ética, a ética do gozo da forma-mercadoria. Baseado em Daniel Bell, Safatle diz que a derrocada da ética protestante que

precisa acumular e economizar para consumir se deu com o advento do cartão de crédito, que imediatiza o consumo, não precisa mais do ascetismo<sup>4</sup>, pois agora o gozo é imediato.

A falta e o desamparo serão tamponadas por novos *gadgets* que criam a ilusão de que esses irão amparar os sujeitos em sua busca neurótica pelo amparo inexistente. Safatle (2005, p.128) chega a afirmar que a “incitação e a administração do gozo transformaram-se na verdadeira mola propulsora da economia pulsional da sociedade de consumo, isto ao invés da repressão ao gozo própria à sociedade da produção”.

Nessa economia libidinal da sociedade do gozo a sexualidade foi incorporada ao mundo dos negócios como uma forma de regulação e controle dos sujeitos impulsionando-os a encontrar sua forma de gozo por meio dos mais diversos usos do sexo.

Safatle afirma que houve mudanças nos processos de socialização dos sujeitos devido ao declínio do modelo de família burguesa, novas tecnologias e arranjos no mundo trabalho, dentre outras. No entanto, destaca que essas mudanças no processo de socialização influenciaram na estruturação do supereu, pois “os processos de socialização tendem assim a não vinculação a mecanismos de repressão, mas mecanismos que cobram a gratificação irrestrita” (SAFATLE, 2005, p.130). Isso se deve ao imperativo de gozo instaurado nesse processo de socialização.

Os sujeitos nunca irão satisfazer suas pulsões nos objetos, por isso a sociedade capitalista lucra com esse processo, porque oferece justamente o objeto para a satisfação (*gadget*), como essa demanda nunca é satisfeita, faz o fluxo de mercadorias girar no mercado, conseqüentemente todo o processo dos bens de produção e consumo.

Nessa lógica a ideologia do capitalismo pode se colocar no mercado com qualquer discurso e valor. O próprio sujeito encontra condições para adotar qualquer discurso ou persona, caindo assim num jogo de máscaras e aparências.

---

<sup>4</sup> **Ascetismo:** filosofia de vida na qual são refreados os prazeres supostamente mundanos. Busca-se a austeridade. Prática da abstenção de prazeres e até do conforto material, os ascéticos acreditam que a purificação do corpo ajuda a purificação da alma, e a obter a compreensão de uma divindade ou encontrar a paz interior.

Nessa lógica de um supereu de gozo, o sujeito sofre o sintoma da depressão e da ansiedade. Ambas as psicopatologias colocam em cena a incapacidade do sujeito em sustentar sua escolha pelo objeto, pois se o mesmo não pode se estruturar, é a própria imagem de si que se desfaz. Desta forma, ansiedade e depressão podem ser vistos como sintomas diretamente resultantes da introjeção de um supereu que ordena uma injunção de gozo tão forte e incondicional que toda tentativa de realização efetiva será necessariamente um fracasso. “Assim, o sentimento de culpa como resultado direto do supereu repressivo que impedia o gozo, depressão e ansiedade podem aparecer como resultado desta nova configuração do supereu que exige gozo incondicional” (SAFATLE, 2005, p.133)

Nesse sentido, ao lado da depressão e da ansiedade como tentativa de sustentar um mundo sem culpa, surge o cinismo como “posição subjetiva que é capaz de sustentar identificações socialmente disponibilizadas, ao mesmo tempo em que ironiza, de forma absoluta, toda e qualquer determinação” (SAFATLE, 2005, p.134)

Para justificar as escolhas sempre há uma racionalização com argumentos supostamente lógicos que as fundamentam, bem como as formas de agir, pois a sociedade já forneceu discursos e instituições socializadoras que permitem que essa ação cínica aconteça sem repressão ou consciência e assim passe a ser hegemônica e, portanto, referencial para sujeitos “bem sucedidos” no capitalismo.

Nesse sentido, quando temos um supereu desvinculado dos referenciais de repressão postas como universais em uma sociedade, desencadeia-se um processo em que os sujeitos passam a achar que o consumo se torna uma maneira de lidar com seus fantasmas, por isso se alguém está com problemas, a receita que se torna cada vez mais frequente é enviá-lo para as compras, para o médico ou para o psicólogo. Consumir se torna um adjetivo de terapia.

Safatle diz que o sujeito neurótico é incapaz de assumir seus fantasmas, pois esses trazem consigo a censura, recalcamento e denegação. No entanto, com o supereu de gozo os sujeitos são constantemente convocados a assumir seus fantasmas e a sociedade cria um cenário em que esses fantasmas aparecem despidos de qualquer censura, são mostrados como “chiques” ou *fashion*, passando assim a assumir importância no processo socializador.

“No interior da sociedade de consumo, os sujeitos se reconhecem hoje por meio da socialização de seus fantasmas” (SAFATLE, 2005, p.135).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deve-se legitimar a “infinitude plástica”, a descartabilidade da forma-mercadoria. Evita-se a regulação do gozo em um universo mercantil estruturado. Até o corpo passa a ser um *gadget*, incrementado pela insatisfação administrada, como explica Safatle (2005).

O supereu, neste processo atual, é conivente e influenciador, portanto perfeito para uma sociedade do descartável, do descompromisso, da obsolescência de mercadorias. E torna-se visível este mesmo processo nas relações, no campo social, onde, bem como os objetos, tornam-se frágeis, nutrindo-se desta mesma fragilidade. E com todo este processo, deve-se buscar a felicidade, o bem estar. Neste contexto, entra a medicalização, artificialmente estabelecendo a suposta felicidade necessária.

Com a globalização econômica, que transforma os sujeitos em objetos, seu sentimento de culpa passa a ser uma enfermidade; sua consciência passa a ser controlada quimicamente ou por comandos externos comportamentais; seus desejos mais profundos passam a ser tratados como uma falha psíquica que impede o acesso ao gozo incomensurável. Dessa maneira, formamos historicamente subjetividades cínicas que se tornam mais eficazes para manejar esses tipos de relações. Podemos afirmar que o sistema capitalista investe na ironia e no narcisismo como estratégia de estruturação das subjetividades, incentivando assim sujeitos cínicos. Estes, vivem pelo gozo, pelos processos momentâneos de satisfação, não importando as consequências. A própria sexualidade é colocada como objeto, como irredutível ao gozo.

A dopagem, por sua vez, é apenas uma manifestação da cultura hiperconsumidora que acha conveniente medicalizar os hábitos da vida. A medicalização se tornou uma fundamentação da existência, a sagração da vida sem transtornos, ao mesmo tempo em que

o superconsumo de psicotrópicos traduz a fragilidade do indivíduo e da própria felicidade que só se sustenta com mais uma dose, objetivando o gozo.

Porém, nota-se que não adianta preservar quimicamente a felicidade se essa sensação não for espetacularizada, vista e, sobretudo, admirada – às vezes fortemente invejada – pelos outros. O que deve envergonhar é a infelicidade. Nada de pudores em exhibir a suposta vida feliz. Não por acaso a publicidade e os meios de comunicação, tradicionais e recentes como redes sociais, não cessam de promover a superexposição de sujeitos que são os mais felizes dentre os felizes, pois a felicidade artificial deve ser sempre fora do comum, excessivamente demais. O eu alegre não cessa de dizer e publicizar sua felicidade, mas também testemunha a felicidade artificial dos outros. E quando a felicidade do vizinho parecer superior, a nossa é um nada de se consumir em desastrosos sentimentos de inferioridade. Basta recorrer imediatamente a outros tutores farmacológicos e sejamos todos infinitamente melhores, mais felizes. Assim se retroalimenta todo o processo de gozo, gerenciado pelo supereu e pelo cinismo.

Assim, na difícil e irresistível construção de si mesmo, o pódio estético atual inclui o estatuto ontológico dos corpos dopados e a felicidade, na forma dessa zumbização ou entorpecimento programada e administrada, que não passa de êxtases temporários. Portanto, apontar para essa realidade é descrever o entorpecimento que nos prende a uma lógica autoritária. Ter consciência dela já pode ser o começo de sua destituição, pois deixa de ser invisível e passa a ser material.

## REFERÊNCIAS

ASKOFARÉ, Sidi. Da subjetividade contemporânea. *Revista Peste*, São Paulo: 01 (01): 165-175, janeiro/junho 2009.

COUTO, Edvaldo Souza & GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.) *Corpos Mutantes. Ensaio sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

DWORKIN, Ronald W. *Felicidade artificial. O lado negro da nova classe feliz*. São Paulo: Editora Planeta, 2007.

LACLAU, Ernesto & MOUFFE, CHANTAL. *Hegemonia y Estrategia Socialista. Hacia una Radicalización de la Democracia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MOUFFE, Chantal. *El retorno del político comunidad, ciudadanía, pluralismo, democracia radical*. Barcelona: Paidós, 1999.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain, COURTINE et al (orgs.) *História do corpo*. V. 3. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SAFATLE, Vladimir. Depois da Culpabilidade: Figuras do Supereu na Sociedade de Consumo. In: DUNKER, Christian & PRADO, José Luiz Aidar. *Zizek crítico. Política e Psicanálise na Era do Multiculturalismo*. São Paulo: Hucitec, 2005.

SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no Novo Capitalismo*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SIBILIA, Paula. *O show do eu. A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.